

# AS FORTIFICAÇÕES MODERNAS DE VILA NOVA DE CERVEIRA E A SUA IMPORTÂNCIA PATRIMONIAL.

**Paula Ramalho**  
*Município Vila Nova de Cerveira*



Intervención de Paula Ramalho

Em 1640, a Fronteira do Minho encontrava-se inapta para a defesa da integridade nacional. Durante o domínio filipino verificou-se uma progressiva desmilitarização da fronteira, com o abandono da prática de conservação das fortificações medievais, a par de uma expansão urbana verificada em todas as vilas fronteiras do rio Minho (Conceição, 2000).

A preocupação com a reestruturação das defesas fronteiriças marcaria as décadas subsequentes, levando à refortificação das vilas com muralhas capazes de resistir a artilharia grossa, mas também, com a construção de pontos complementares de defesa ao longo de toda a fronteira, fossem eles atalaias, fortins, redutos ou trincheiras.

D. João IV inicia os trabalhos que conduziram à adopção dos modelos abaluartados, enviando equipas de engenheiros militares às fronteiras para guisar as novas fortalezas (Antunes, 1996).

É hoje particularmente difícil identificar a totalidade destes pontos fortificados no território correspondente a Vila Nova de Cerveira. Os processos de arborização de montes e serras, verificados durante todo século XX, associados à urbanização crescente dos terrenos marginais do rio Minho, verificada a partir da década de 80, destruíram muitas destas estruturas ou tornou as suas evidências de difícil percepção, com particular destaque para aquelas estruturas compostas na globalidade de torrão.



1| Planta de Vila Nova de Cerveira e seus Arredores| Miguel de Lescole 1682|GEAEM

Subsistem contudo as fortificações pétreas: o Forte de Lovelhe, a Atalaia e parcialmente, a fortaleza moderna da Vila de Cerveira. No seu conjunto, formavam um triângulo defensivo centrando na defesa da vila e da zona de passagem tradicional do rio Minho para a Vila de Goian, onde desde os alvores da Idade Média funcionava a barca de passagem.

Contudo, e com base na documentação e toponímia chegaram-nos notícias de outros pontos fortificados distribuídos pelo território, embora por vezes

seja difícil a atribuição de cronologia, pois poderão corresponder a processos mais tardios de fortificação<sup>28</sup>.

A necessidade de **refortificação da Vila de Cerveira** é sentida pela população logo desde o início do conflito, sendo a Vila atacada diretamente em 25 de Setembro de 1643. O episódio é descrito pelo Conde da Ericeira (Monteiro, 1989), e a representação feita nas Cortes de 1653 (Castro, 1981), deixou uma clara imagem do impacto do conflito. Novecentos homens defendiam duas léguas de fronteira, não ficando a vila a mais que 1 tiro de espingarda com o inimigo, tendo pelo meio o rio Minho. Da fortificação dizia-se ser *“a mais aberta e de piores muros”*, razão apontada para ter sido por aqui que o inimigo começou a abrir a guerra *“cometendo a vila com 2500 infantes para levar à escala, chegando a encostar escadas aos muros, os moradores da dita vila e termo, sem outra gente paga, que a não havia, fizeram com seu valor retirar o inimigo, matando-lhe mais de 700 pessoas, ficando-lhe muitas escadas e bagagem, recebendo contudo os arrabaldes da dita vila, que tudo entraram queimando, muito dano, ficando muitos moradores sem remédio.”*

Da descrição ficamos ainda a saber ainda que os moradores faziam a guarda de dia e de noite, e assistiam nos trabalhos de fortificação das muralhas *“e levantaram dois lanços dela que caíram, reparando barbacãs, fazendo trincheiras e estacadas”*.

Pedia-se pois que os bens dos ausentes e do Cabido de Tui se gastassem nas fortificações da vila pois *“os ditos muros são velhos e, de ordinário, arruinam e muitos estreitos e incapazes de artilharia grossa”*. Para estas obras pedia-se ainda as terças da câmara.

Em 1644, segundo nos relata a História de Portugal Restaurado, o Conde de Castelo Melhor, manda investir contra a Vila de Goian, a partir de Vila Nova de Cerveira. Em retaliação o Marques de Távora, Governador das Armas da

---

28 Alguns destes pontos: a Torre de Nogueira a qual subsiste na toponímia; fortificação de Reboareda, muito provavelmente correspondente ao lugar do Picoto; O Forte de Campos, destruído já na década de 80 do século XX, pela construção do Polo I da Zona Industrial; O reduto de Vila Meã, de que ainda subsistem algumas evidências. Da toponímia surge ainda a Coroa do Picoto, totalmente composta por torrão e ainda hoje bem identificável; o mesmo já não sucede com o Monte do Forte.

Das descrições providenciadas pelos tombos de freguesia surge ainda o Forte Vermelho, estrutura que até ao momento não conseguimos localizar.

No que toca a trincheiras das representações em cortes de 1653 chegam-nos referência à sua existência na Freguesia de Gondarém. Das diferentes representações cartografias existentes surge-nos ainda uma provável atalaia em Gondarém.

Galiza, manda queimar as povoações Lanhelas, Seixas e Gondarém sem mais defesa que uma trincheira e sem mais guarnição que os seus moradores.

1657, volta a ser um ano de grande agitação na fronteira do Minho, pois o inimigo entrara pela raia seca com o desígnio de se fazer senhor das praças do da aurela do Minho (Antunes, 1996). Como relata o Conde da Ericeira, haviam de se fixar no território correspondente a Valença “*uma légua acima de Vila Nova de Cerveira*” construindo o forte de S. Luiz Gonzaga.



2| Brandão, Gonçalo Luiz da Silva 1758| BMP

É pois durante este período que se iniciam os trabalhos de refortificação de Vila Nova de Cerveira. Sabemos que em 1658, é colocada uma bateria no castelo (Diogo, 1979). Contudo, era necessária uma fortificação que alberga-se a totalidade da Vila, pelo que por ordem do Governador das Armas da Província do Minho, Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Diogo de Lima, iniciava-se, em 1660, a construção da nova fortaleza a qual estaria terminada em 1665<sup>29</sup>, acompanhada pelo Forte de Lovelhe e Atalaia.

A nova fortificação era composta por 4 baluartes, o das Almas, o de Nossa Senhora da Conceição, o do Espírito Santo, e o de S. Miguel, um meio baluarte,

<sup>29</sup> (Antunes, 1996) Refere a data de 1667



3| Sobreposição do traçado da fortaleza sobre a malha urbana do Centro Histórico | CMVNC



4 | Baluarte de Sta. Cruz

o de Santa Cruz e uma tenalha em dentes de serra, que acabaria por ficar conhecida pelo Baluarte de S. Sebastião. Em redor das muralhas existia um amplo fosso escavado. A configuração urbana pré existente faria com que a fortaleza

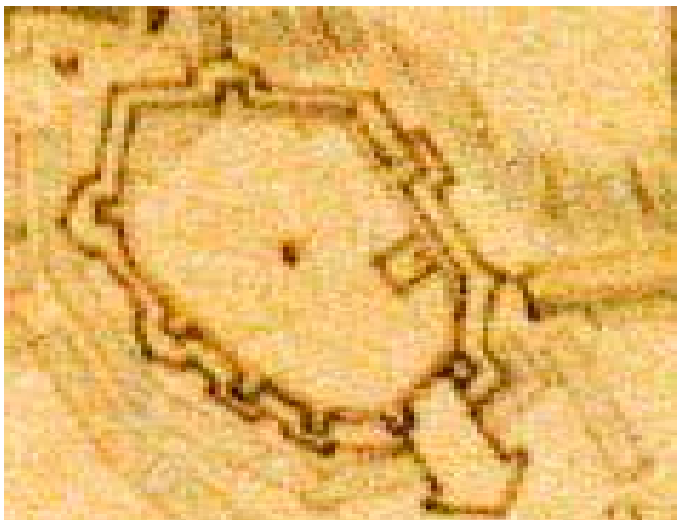
adopta-se uma configuração alongada, onde os baluartes procuravam fazer a defesa dos pontos mais sensíveis. Assim, os baluartes das Almas e Santa Cruz faziam a defesa do acesso sul da vila e da estrada de Viana. O baluarte de Nossa Senhora da Conceição reforçava a vertente nascente, controlando a estrada que passava no sopé da Serra da Gávea, bem como o acesso do caminho de cortes à porta de traz da igreja, a qual era apoiada por um revelim. Os baluartes do Espírito Santo e S. Miguel defendiam a porta de Valença e a estrada que lhe dava acesso. Partindo do baluarte de S. Miguel, estendia-se para Noroeste, a obra corna, totalmente construída em torrão, e que em 1713, já teria sido abandonada. Seguia-se um longo pano de muralha voltado ao rio, até junto do Castelo, onde se abria a porta do Cais. A rematar a totalidade da obra e na vertente voltada ao rio e ao cais, surgia uma tenalha em dentes de serra rematando no meio baluarte de Santa Cruz. Junto deste construiu-se a Porta Nova, ou de Viana, que embora não fizesse parte da fortificação original, já está referenciada em planta datada de 1713.

A Sul da vila tínhamos a fortificação do Penedo do Castelinho, com o objectivo de nele assentar peças de artilharia, tentando reforçar este flanco da Fortaleza. Esta fortificação representada na planta de 1682, parece nunca ter chegado a ser globalmente edificada, restando hoje uma ilha artificial.

O castelo medieval ficaria a funcionar como cidadela no interior da nova fortaleza, não sem antes ter recebido algumas modificações. As torres seriam rebaixadas para a instalação de peças de artilharia, para as quais foram feitas novas aberturas, permitindo um maior ângulo de tiro. No caso de uma maior necessidade de espaço foi edificado um alargamento em forma de balcão. No entanto, a maior transformação seria executada na vertente oeste do castelo com a construção de um baluarte, o qual obrigaria à adaptação da barbacã por forma a poder acompanhar o novo traçado, agora edificado um plano inclinado. Passamos também a deter informação mais detalhada sobre esta fortificação ao passarem a existir plantas do local. A mais antiga, data de 1682, demonstra claramente esta modificação no perímetro oeste da fortificação. Contudo, ainda não aparecem representados os dois patamares abaluartados hoje existentes, o que só viria a suceder em 1742, quando a *“bateria recebeu outra a cavaleiro para poder dominar o Forte de S. Lourenço de Gaião”*<sup>30</sup>. Também aparecem representadas as modificações efectuadas a norte pela construção da porta do cais. A planta de 1758 (Brandão, 1994) reforça esta leitura. No que respeita à barbacã constata-se que a circulação é contínua e com um único acesso a partir da entrada do castelo.

---

30 Informação patente na ficha do imóvel da extinta DGEMN.



5 | Excerto de planta, 1682| GEAEM

Outra fonte do mesmo ano, As Memória Paroquiais, ajudam a clarificar o núcleo intramuros ao declarem existir os Paço do Concelho, a cadeia e o armazém de el rei (Capela, 2005), entenda-se aqui paiol, sendo que objectivamente não o sabemos localizar atualmente.

Contudo e apesar das obras descritas, o séc. XVIII e também o XIX, corresponderam a uma fase de perda de valor militar desta fortificação, pelo que gradualmente foi votada ao abandono, com exceção do interregno causado pelas invasões francesas. Entre 1789 e 1800, dizia-se, num relatório sobre o estado atual da praça de Cerveira, *“toda a fortificação se achava muito arruinada”*<sup>31</sup>. Em 1809, Gonçalo Coelho Araújo, enquanto recém-designado Governador da Praça de Vila Nova de Cerveira escrevia sobre a fortificação *“quazi aberta, sem se poderem fexar as sua Portas, a muralha arruinada, as peças sem reparos, e destituída de todos os petrexos e munições de guerra”* (Machado, 1953). Seria neste quadro que se organizariam as defesas contra o exército napoleónico, motivando alguns pequenos arranjos nas muralhas do castelo.

Passadas as Invasões Francesas o abandono da fortificação sob o ponto de vista militar seria completo. Quanto à torre de menagem, sabemos que em 1839 estava já arruinada, pois é entregue à câmara, sendo que em 1844 seria atingida por um raio, obrigado à sua demolição parcial. Assim se iniciava o

31 AHM DIV 3/09/09/11

processo de demolição das muralhas de Cerveira, nomeadamente da fortaleza moderna. Entre 1856 e 1857 fazia-se a demolição da porta do cais. Em 1861, num documento existente no Arquivo Histórico Militar, descrevia-se a fortificação de Cerveira: *“Está mais desmoronada do / que se estivesse entregue ao tempo desde séculos, e em bom estado que estivesse era / inutil a todos os respetos. Convem abandonala desde já, e vender todo o material, edificios e terrenos de suas dependencias, excepto o Castello, ou Cidadella, fortificação antiga, por se achar cercada de edificios particulares, e conservar / também o quartel de veteranos para estação policial. /”*

Em 1875, na Sessão de 27 de Fevereiro, o Presidente da Câmara apresentou o telegrama recebido do Deputado Falcão da Fonseca no qual se comunicava *“terem sido concedidas as muralhas pedidas tendo sido aprovado o projecto de lei para tal fim em sessão de 22 daquele mês”*. Os finais do séc. XIX trariam um conjunto de obras que iniciariam o processo de destruição da fortificação, de que se destacam a nova estrada para Valença e a linha de caminho-de-ferro. A primeira estrada que corresponde hoje à Rua José Duro, seria aberta por recurso à demolição parcial do Baluarte das Almas, sendo as terras daí resultantes depositadas dentro do fosso, inviabilizando o seu funcionamento. A construção daquilo que é hoje a Rua 25 de Abril, inutilizaria todo o troço nascente da fortificação entre o baluarte das Almas e o Espírito Santo, e que se associava à nova Rua do Arrabalde. A construção da linha de caminho-de-ferro estaria em curso cerca de 1880, e iria provocar a demolição da cremalheira em dentes de serra voltada ao rio.



6| Quelha dos Pelames| Face interna da muralha moderna de Vila de Cerveira



A desmontagem das muralhas e o atulhamento dos fossos continuaria a suceder durante o séc. XX, primeiramente com a construção do Jardim de Chagny, ainda na década de 20, e depois com a construção do auditório municipal já na década de 70. A demolição do último troço, já na década de 80, resultaria da abertura da praça Alto Minho, Rua 1º de Outubro e Avenida Heróis do Ultramar. Assim, o baluarte de Santa Cruz é hoje o elemento mais reconhecível desta fortificação, pese embora existirem outros pequenos tramos sobreviventes, por entre a malha urbana do centro histórico.



7| Escavações arqueológicas Jardim de Chagny

As escavações arqueológicas realizadas, permitiram aferir o traçado da fortificação, bem como avaliar a sua metodologia de construção. Pedra rudemente talhada, assente sem argamassa formava o capeado dos terraplenos. Estes, mais que compostos por torrão, são maioritariamente formados por terra, o que associado aos diminutos alicerces identificados, colaboraram na reduzida estabilidade e capacidade conservação da estrutura.

**O Forte de Lovelhe** é formado por um amplo conjunto patrimonial que inclui a Fortaleza, como o elemento mais visível e identificável, mas também um vasto conjunto de ruínas arqueológicas. As escavações realizadas, a partir de 1985, sob a direção científica do Prof. Doutor Carlos A. Brochado de Almeida, vieram a expor uma estação arqueológica sucessivamente reocupada desde o séc. I a.C. até aos alvares da Idade Média, numa diacronia notável, e à qual,

no séc. XVII, se sobrepõem o forte, reforçando a noção de posicionamento geoestratégico do local.

Tentando fazer uma abordagem diacrónica sumária do local podemos afirmar que nesta colina, isolada na estreita planície que se desenrola entre o Rio e a Serra da Gávea, ergueu-se já próximo do câmbio da era um pequeno castro agrícola. Instalado em patamares, e tanto quanto nos foi dado até hoje a perceber, ocupou a totalidade do monte, formando pequenos núcleos habitacionais. O povoado seria delimitado pelo menos por um fosso, identificado aquando da construção da rotunda de acesso à ponte internacional, e parcialmente localizado sob o Cemitério de Lovelhe.

O advento da romanização e a estreita ligação do povoado com o rio colocou-o numa linha privilegiada para o desenvolvimento das trocas comerciais. Terá sido muito provavelmente desta forma que se deu a introdução de materiais exógenos, em que a ânfora apresenta um papel de destaque. O castro acabaria por ser na sua maioria abandonado, sendo reforçada a ocupação na vertente voltada ao rio, também ela em patamares, mas com uma morfologia de ocupação diversa, e que Carlos A. de Almeida identifica como uma provável Villae ou Vicus. Reformulada diversas vezes atingiria o seu apogeu no séc. IV d.C.



8| Ruínas Arqueológicas| Setores A e B

Pelo séc. VI, sobre os escombros da villa romana, entretanto entrada em decadência, e aproveitando em parte os antigos materiais, foi construída uma outra, de grandes dimensões e que perdurou até às invasões árabes.

A par das estruturas pertencentes a diversos edifícios com cronologias tão díspares como as que se estendem do séc. I a.C ao VII d.C., há ainda a assinalar um valioso, diversificado e abundante espólio – cerâmicas castrejas, romanas e suevo-visigóticas, a par de bronzes, ferros, moedas, vidros.



9 | Espólio da estação arqueológica

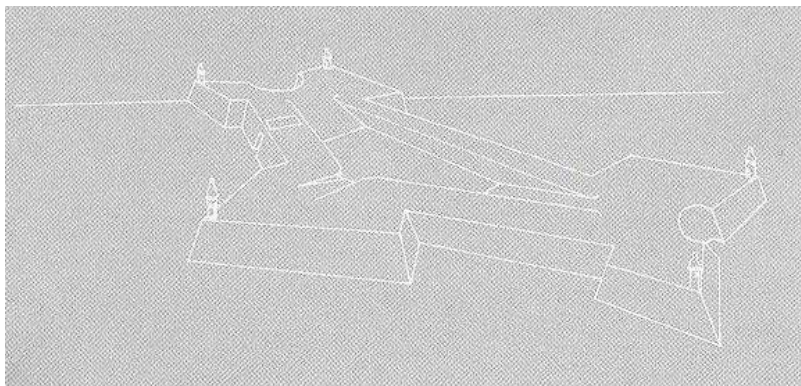
A encimar o monte encontramos atualmente uma fortaleza abaluartada que dá nome ao sítio, o Forte de Lovelhe.



10 | Planta de 1759, arquivo GEAM

Construído no contexto das Guerras da Restauração, visava fechar o triângulo defensivo de Vila Nova de Cerveira, dominado estrategicamente a vila pelo seu flanco norte, apresentando uma ampla visibilidade e controlo tanto sobre o rio como sobre a estrada de Valença.

Edificado na sua totalidade seguindo os princípios da técnica de fortificação abaluartada, apresenta uma forma pentagonal marcada por 5 baluartes e respetivas guaritas.



11| Modelo 3 D, in Brochado de Almeida, Carlos A.; “A arqueologia proto-histórica e romana do Concelho de Vila Nova de Cerveira”

A construção baseia-se numa linha de simetria, assente no baluarte este da fortificação, sendo este o que apresenta maiores dimensões. Localizado numa das zonas mais sensíveis da fortaleza defende o caminho de acesso à porta de entrada. Os restantes 4 de formato irregular, podem-se agrupar em dois grupos, os da vertente este e os da vertente oeste. Estes últimos, de menores dimensões visam permitir o remate da cortina e favorecer o tiro flanqueado. Os primeiros, apresentam os lados voltados ao rio mais alongados, favorecem um ângulo de tiro mais aberto, e logo um maior controlo sobre o rio.

São ainda de salientar, os paramentos norte e este, por serem em forma semicircular, elementos mais incomuns na fortificação abaluartada. Contudo, esta solução permitia uma plena defesa dos flancos, resolvendo o problema de uma fortaleza que pelas condicionantes morfológicas do local tinha que apresentar um desenho alongado.

Complementando o sistema fortificado temos o fosso definido pela escarpa, que sustenta os paramentos pétreos, e a contraescarpa que, do seu lado exterior, cria uma esplanada mais ou menos alongada, regularizando a topo-

grafia original do monte e eliminando pontos de refúgio. A eficácia da fortificação era garantida por três rampas de acesso aos terraplenos, as quais partem de uma praça de armas central, rebaixada e resguardada de fogo direto.



12| Vista da Esplanada do Forte

Por fim, são ainda hoje visíveis elementos destinados à proteção da guarnição. Desde logo, coroa os muros, um parapeito de atiradores totalmente em torrão, intercalado por aberturas para canhoeriras. Ao longo da muralha em terra vislumbra-se ainda um caminho coberto que assegurava a defesa avançada do Forte.





13| Forte de Lovelhe| Vistas

No interior da praça de armas, um conjunto de 4 edificações, de que hoje existem apenas indícios, providenciavam o aquartelamento, o paiol e muito provavelmente uma pequena capela (Guerra, 1926, p. 18).

A construção desta fortaleza ocorreu no contexto das Guerras da Restauração, e após o ataque efetuado a Vila Nova de Cerveira, corria o ano de 1643. Os vários autores apontam para a conclusão das obras entre os anos de 1662 e

1663. Contudo, José Vieira Augusto, afirma que D. Francisco de Azevedo terá mandado proceder à sua construção em 1660 (Vieira, 1886, p. 147).<sup>32</sup>

Sondagens arqueológicas, realizadas por Brochado de Almeida, acabariam por mostrar uma fortaleza erguida, de facto, num curto espaço de tempo, praticamente sem alicerces e recorrendo aos materiais que havia nas proximidades, terras argilosas e repletas de seixo, e pedra de construção de edificações castrejas e romanas, que existiam no local. A filosofia dos militares de então foi no sentido da construção de uma fortaleza sólida e funcional, no mais curto espaço de tempo. A solidez patenteia-se na espessura da parede e no modo como foi construída. Tecnicamente foram erguidas duas paredes nas extremidades e o miolo preenchido com terra e seixos do antigo terraço fluvial. A parede interior foi erguida verticalmente, em contrapartida a parede exterior, com idêntico aparelho, foi levantada em plano inclinado, o suficiente para que a derrocada não fosse fácil. (Almeida C. A., 2000, p. 59)

O levantamento “Praça de Vila Nova de Cerveira e seus arredores”<sup>33</sup>, datado de 1684, mostra o Forte de Lovelhe com um revelim voltado ao rio, e uma nova porta de acesso. Obras que muito provavelmente nunca chegaram a ser executas na sua globalidade, pois da porta não se encontra qualquer evidência.

Em 1758, o levantamento efetuado pelo Sargento Gonçalo Luís Brandão da Silva, revela que “*está sem guarnição nem sentinela, servindo de recolhimento de gado (...) e por isso se acha com os quartéis e armazéns arruinados até a abobada do da pólvora.*” (Brandão, 1994)

Este suposto abandono é explicado por um documento de finais do séc. XVIII, que clarifica o funcionamento do forte: “*...acabada a guerra se fecha o Forte, recolhemse as muniçoens, petrexos, e Artilharia na dita Praça de Villa Nova de Cerveira*”<sup>34</sup>. Em 1776, o mapa dos oficiais e soldados refere que teria entre 5 a 10 soldados. No mesmo ano, sendo Comandante Luís Gabriel Taveira da Costa, noticia-se que as muralhas se encontram operacionais e reformadas de novo, bem como os seus 5 quartéis, incluindo o da pólvora. O mapa de oficias do ano seguinte refere a permanência de 8 a 9 homens no forte.

Assim, especificamente construída e preparada para resistir às tentativas de união ibérica preconizada pela dinastia filipina, a fortaleza de Love-

---

32 Destaque-se contudo que o General D. Francisco de Azevedo, foi Engenheiro e Mestre General de Campo da Província do Minho entre 1649 e 1654.

33 Arquivo do GEAEM

34 AHM, DIV 3/09/09/112

lhe acabaria por prestar outros relevantes serviços ao País nas guerras que se seguiram. Isto é, na Guerra de Sucessão de Espanha, na Guerra do Pacto de Família e nomeadamente na Guerra Peninsular, vulgo Invasões Francesas. Se no decurso das Guerras da Restauração a sua presença foi determinante na dissuasão invasora por parte das hostes filipinas, nesta última a sua ação foi tanto mais relevante, porque impediu as tropas francesas, sob o comando de Soult, de efetuar a pretendida travessia do Rio Minho no dia 13 de Fevereiro de 1809 em frente a Vila Nova de Cerveira. Nessa altura defendia a praça uma companhia de infantaria sob o comando de Gonçalo Coelho de Araújo, tendo a artilharia do Forte, em conjugação com a Bateria da Mota, aberto fogo sobre os barcos (Almeida C. A., 2000, p. 55). A descrição do próprio Gonçalo Coelho Araújo é eloquente. “... Então atirou o Forte de Lovelhe aos outros (barcos) que hiam sahindo e mettendo huns a pique, fez retroceder os outros; e repetindo outro tiro na casa de D. Antónia Correia (em território espanhol), quartel-general francês, vi fugir precipitadamente a tropa que ali se achava.” (Machado, 1953)

Entre 1797 e 1801, o forte teria sido reconstruído pelo Capitão de Engenharia José Joaquim de Naussane de Sousa Lira (Rocha, 1994, p. 25), muito provavelmente na sequência de um levantamento, que integra os documentos do Arquivo Histórico Militar e que nos diz que os “*parapeitos e quartéis estão muito arruinados, as muralhas estão sem mayor ruina. Não tem prezenzemente Artilharia nem municoens de guerra nem Governador, nem guarnição por isso se acha fichado.*”<sup>35</sup> Estas obras terão colocado a fortificação em estado capaz de defender a Fronteira do Minho, em 1809. Mas terminaria aqui o seu uso militar em contexto de guerra, até porque o exército francês, após a sua entrada por Chaves, retornaria a estas paragens e entre outras ações incendiaria o forte.

A partir de 1820 terá servido para aquartelamento de veteranos, e em 1857, por altura de um surto de febre-amarela terá servido de lazaredo (Guerra, 1926, p. 19).

Em 1867 sabemos que “*aquelle forte está abandonado, e tanto que já não tem portas, e os quarteis estão apenas reduzidos às paredes.*”<sup>36</sup>

Um ano depois, em 1868, temos sinais do definitivo abandono militar da fortificação, motivada pelo desmantelamento da Praça de Cerveira. “*Acabada a praça cessa a necessidade do Forte de Lovelhe, que só tinha por fim occupar uma altura que a dominava.*”<sup>37</sup>

---

35 AHM, DIV 3/09/09/11/02

36 AHM, DIV 3/09/02/39/02.

37 AHM, DIV 3/09/02/40/02.



Terminada a serventia militar manter-se-ia, no entanto, na posse da administração militar. Os terraplenos, praça de armas, fosso e terrenos envolventes, ficariam destinados ao apascentamento de gado e apanha de mato. Os terrenos mais baixos, e em particular os localizados a Norte, seriam socalçados para finalidades agrícolas, e integrados na Quinta do Forte, atualmente propriedade estatal.

A 28 de Março de 1928, o Ministério de Guerra autorizava a venda do prédio militar nº 12 que seria consumada a 18 de abril do ano seguinte com a venda em hasta pública, a João de Portugal Marreca Gonçalves, personagem ilustre de Vila Nova de Cerveira, por 2.520\$00.

Demorariam, pois, décadas até ao reconhecimento da mais-valia patrimonial que constitui esta fortificação e a estação arqueológica que lhe subjaz, mas que seria, no entanto, reconhecida com a abertura do processo de classificação em 1979.

Como já referimos o ano de 1985 marca o início das escavações arqueológicas no sítio, mas também o início de um conjunto de obras que iria afetar o local. A primeira destas a construção da estrada que circunda a colina e dá acesso ao Inatel e Praia da Lenta. Se o corte e destruição de ruínas é evidente nos Setores a, b, e m sabemos que foi também uma realidade no perímetro sul e nascente do monte.

A construção do próprio complexo do Inatel afetaria a estação arqueológica na vertente Norte, provocando o corte de alguns taludes e a ocultação completa das ruínas da antiga igreja paroquial e seu adro.

A década de 90 ficaria marcada pela aproximação do perímetro urbano do local e pela construção de algumas infraestruturas nas proximidades, de que destacamos a construção do Estádio Rafael Pedreira, o alargamento do Cemitério Paroquial, a implantação de um loteamento que confina com a estação arqueológica na vertente sul, e a instalação do complexo desportivo municipal frente ao Inatel.

Em 2002 iniciava-se a obra de construção da Ponte Internacional a qual se iria arrastar até 2005 com a construção dos respetivos acessos.

Durante todo este período foi sendo efetuada a limpeza e manutenção das zonas escavadas, acompanhadas com intervenções de conservação e restauro nos sectores A e B. Pontualmente foi efetuada a limpeza de toda a colina e particularmente da fortificação. Contudo estes trabalhos só assumiriam alguma regularidade a partir de 2001 e 2002, dada a necessidade de uma intervenção de fundo na fortaleza cujos muros haviam entrado em colapso. A intervenção

recolocou os muros, mas um dos paramentos intervencionados voltaria a entrar em ruína 2 anos depois, situação que se mantém até à atualidade.

O conjunto formado pelo Forte de Lovelhe e estação arqueológica constituem um conjunto de primeira importância patrimonial e cultural, pela ampla cronologia que abrangem, demonstrativa da singularidade de um local de primeira importância estratégica no curso do Minho, mas também pela carga identitária que carrega para Vila Nova de Cerveira.

Fruto das escavações arqueológicas realizadas entre 1985 e 2005, possui-se uma área escavada de dimensão razoável que conjuntamente com a estrutura fortificada moderna importam preservar. Estas estruturas padecem de problemas de conservação que urge corrigir, e que representam riscos acentuados a curto e médio prazo, pelo que autarquia de Vila Nova de Cerveira está neste momento a desenvolver um projeto global de valorização do local. O projeto visa potenciar o uso turístico do local mas também resolver problemas prementes de conservação: o alargamento dos derrubes existentes na fortificação; a perda de estabilidade de taludes de sustentação da fortaleza pelo crescimento galopante de espécies invasoras; a acentuada erosão dos parapeitos de atiradores; a erosão e crescimento vegetal nas áreas escadas, com a consequente destruição de estruturas. A estes aspetos acresce a inexistência de qualquer tipo de sistema de drenagem, que permita reduzir as infiltrações nos terraplenos e consequentes impulsos reativos dos paramentos, em especial em períodos de pluviosidade acentuada.

☉**Atalaia do Lourido** localiza-se num pequeno esporão, a meia altura do monte do Senhora da Encarnação, na Serra da Gávea. O elemento de maior destaque é uma torre circular, com paramentos em pedra irregular, à exceção dos vãos, friso e balcões que apresentam boa cantaria. A porta situada a este apresenta um arco quebrado, e dá acesso à parte superior da bateria. Aqui podemos encontrar o caminho de ronda, com cerca de 1,5 m de largura, através do qual se acede a três balcões, assentes cada um sobre quatro mísulas de granito, em que jogava a artilharia. Ao centro da edificação localiza-se uma provável cisterna com cerca de 2 metros de diâmetro. Contudo, esta torre é parte central de um patamar artificial de configuração estrelada de quatro pontas, rodeado por um fosso escavado na rocha seguido por uma esplanada, sem caminho coberto, bem visível do lado este. É no patamar e para norte da torre onde ainda hoje podemos detetar as ruínas de uma estrutura de planta retangular, que o levantamento de 1914, nos informa tratar-se do quartelamento.



14 | Porta da torre da Atalaia

A plataforma é delimitada por murete de pedra irregular, que muito provavelmente serviria como parapeito de atiradores e onde não se distingue o uso de argamassa.

O acesso à fortificação faz-se por caminho de terra batida, em que uma ponte de pedra irregular, faz a transposição do fosso.

Construída, muito provavelmente, durante as Guerras da Restauração, a Atalaia tinha por missão controlar a estrada que de Viana dava acesso a Valença, e o próprio curso do Minho, sobre os quais tinha uma ampla visão, hoje totalmente desaparecida pelo crescimento da vegetação.

Sobre ela conhecem-se poucas referências documentais, sendo pela primeira vez representada na planta de 1682, de Miguel Lescolle e novamente em 1758 em planta do Sargento Brandão, onde se faz uma breve descrição.



|15. Atalaia, DGEMN, 1978

Os tombos da Freguesia de Vila Nova de Cerveira viriam a crescer à esparsa informação histórica ao afirmar-se no tombo novo “*o outeiro da forca velha que hoje se nomeia Outeiro da Atalaya*” (Oliveira, s.a., p. 82). Embora pouco extensa esta informação colabora na atribuição de uma cronologia à estrutura, que diversos autores fizeram recuar à idade média, dada a porta em arco apontado e as mísulas de sustentação dos balcões. Assim pela informação documental sabemos que a estrutura não poderá ser anterior a 1548, data do Tombo Velho, pois este unicamente se refere ao outeiro da Forca Velha, sem qualquer referência à fortificação.

As Memórias Paroquias revelam parte da importância estratégica da fortificação ao informarem “*que alcança com mosquetaria todo o terreno até à praça e até ao forte*” (Capela, 2005). Da globalidade da estrutura a implantação estratégica é o elemento de maior destaque, justificando a escolha deste esporão, o que obrigaria por um lado à criação da plataforma artificial, mas também a um desenho que embora simples se adapta plenamente à topografia existente.

Talvez fruto desta implantação só tardiamente esta fortificação deixaria as mãos do exército, ao ser vendida em hasta pública em 1915. Ainda hoje se encontra em mãos privadas, estando em vias de classificação desde 1979, como imóvel de interesse público.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, C. A. (2000). *A arqueologia proto-histórica e romana do Concelho de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- Almeida, J. (1866). *Diccionário Abreviado de Chorografia, Topographia e Arqueologia das cidades, vilas e aldeias de Portugal*. Valença: Typographia V. de Moraes.
- Antunes, J. V. (1996). *Obras Militares do Alto Minho: A costa atlantica e a raia ao serviço das Guerras da Restauração, Dissertação de Mestrado*. Porto: FULP.
- Antunes, J. V., & Guerreiro, A. C. (1996). *Forais de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira .
- Armas, D. (1990). *Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*. (A. N. Tombo, Ed.) Lisboa: Inapa.
- Barroca, M. (2003). *Tempos de resistencia e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manule I (1495 - 1521)* (Vols. Portugália, Nova série, Vol. XXIV). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Brandão, G. d. (1994). *Topografia da Fronteira, Praças e seus Contornos, Raia Seca, Costa e Fortes da Província de Entre Douro e Minho, Manuscrito 1758*. Porto: Biblioteca Municipal do Porto.
- Capela, J. V. (2005). *As Freguesias do Concelho de Vila Nova de Cerveira nas Memórias Paroquiais de 1758*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- Castro, F. C. (1981). As fronteiras do minho em cortes. *Caminiana ; Vol. 4;*, p. 79.
- Conceição, M. T. (2000). *Transformações do espaço urbano, de Duarte de Armas a Champalimaud de Numasse, in Revista Monumentos*. Lisboa: DGEMN.
- Diogo, J. L. (05/08/1973). *Da misericórdia II*. Vila Nova de Cerveira: Jornal Cerveira Nova.
- Diogo, J. L. (05/09/1973). *Da Misericórdia III*. Vila Nova de Cerveira: Jornal Cerveira Nova.

- Diogo, J. L. (1979). *Santa Casa da Misericórdia*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- Diogo, J. L. (1981). *Inventário da Heráldica Concelhia*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- Guerra, L. F. (1926). *Castelos do Distrito de Viana*. Coimbra: Imprensa da Universidade .
- Guerreiro, C. (1999). *Monografia de Vila Nova de Cerveira, Freguesia de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira: Cerco Cultural - Núcleo de Cultura Cerveirense.
- Machado, A. D. (1953). *O Coronel Gonçalo Coelho Araújo Governador de Vila Nova de Cerveira e a 2ª Invasão Francesa*. Braga : SE.
- Monteiro, A. M. (1989). *A vila de Cerveira e o seu Castelo, Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo: Tomo XI.
- Oliveira, E. P. (s.a.). *Introdução à leitura dos Tombos de 1548 e 1784 da freguesia de Vila Nova de Cerveira* . Vila Nova de Cerveira: Junta de Freguesia de Vila Nova de Cerveira.
- Rebelo, J. M. (2001). *Capela de Nossa Senhora da Ajuda versus Capela Real de Nossa Senhora da Ajuda*. Vila Nova de Cerveira: Jornal Cerveira Nova.
- Resende, G. (1973). *Crónica de Dom João II e Miscelânea*. Lisboa: INCM.
- Rocha, J. M. (1994). *Vila Nova de Cerveira de ontem e de hoje*. Vila Nova de Cerveira.
- Vieira, J. A. (1886). *Minho Pitoresco*. Valença: Rotary Club.